OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India...	5$000	2$500	-$-	-$-

32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1092

30 de Abril de 1909

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

Segundo Congresso Pedagogico promovido pela Liga Nacional de Instrução

INAUGURAÇÃO DO CONGRESSO NA SALA «PORTUGAL» DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA

(Cliché Benoliel)

CHRONICA OCCIDENTAL

O unico acontecimento que verdadeiramente merece o registo d'esta chronica, no espaço de tempo a que ella se refere, é o da abertura da expo ição promovida pela Sociedade Nacional de Bellas Artes.]

A chronica, começando por fazer esta declaração, pede desculpa de passar por cima do tremor de terra como o gato passa por cima de brazas. A chronica não deu pelo tremor de terra; e, como não lhe é possivel tratar de um caso que desconhece, passa adeante. D'esta vez, ao menos, vae o leitor ouvir falar d'outra coisa!

No meio d'uma profunda indifferença publica, baseada numa falsa e deficiente cultura esthetica, completamente desprotegida pelos corpos dirigentes do país, a arte entre nós vive exclusivamente dos honestos esforços de meia duzia de benemeritos visionarios, que luctando heroicamente contra a indifferença de muitos e má vontade dos restantes, lá vão pelos intermundios da arte abraçados ao seu ideal, isolados mas não vencidos, lutando numa faina de luctadores fervorosos, em busca dos pômos d'oiro promettidos por essa

deusa fascinadora e dominante que se chama gloria.

Gloria duramente conquistada através o aspérrimo caminho eriçado de escôlhos que a ingratidão humana espalha na trajectoria dos uteis. E perante tão deprimente e ingrato meio, os artistas têm ainda que luctar contra as impressões negativas que uma critica má, violenta e por vezes intoleravel, espalha pela massa dos indifferentes, que só para saborearem tão condemnaveis excessos, se lembram que existe arte e artistas que num admiravel sacerdocio lhe sacrificam as comodidades da vida, consagrando-lhe uma existencia inteira de luctas e sacrificios. Neste ingrato paiz onde viceja florente o sindicato, e onde velhos e eroticos nababos esbanjam fortunas adquiridas sabe Deus como, com dançarinas e cantoras de torna viagem, é raro vêr-se alguem que num momento de generoso incentivo disponha d'uma parcela minima dos seus haveres para comprar um objecto d'arte. E os poucos que sinceramente amam a arte e os seus cultores, vêem-se isolados na sua benemerita cruzada de incitamento, porque entre nós só fructificam e se desenvolvem os exemplos de banalidades inuteis. O que vale um quadro ou uma estatua por melhores que sejam, perante os chumaços algodoados das pernas d'uma dançarina, ou a plastica avariada de uma cantôra artista nos segredos do *metier*? Quantas vezes o custo da mais insignificante joia com que os satiros bizarramente brindam essas divindades de arribação, chegaria para a compra de dez quadros!

Abriu-se a exposição, e a curiosidade indigena consagrou-lhe um exito de concorrencia rara. A exposição tem sido muito frequentada, e não só esta como todas as outras pequenas exposições de arte ultimamente realisadas. O que não ha, por desventura, é quem se atreva a comprar os quadros.

E todavia, este facto, que infelizmente já se tem acentuado em anteriores exposições, apezar do que representa de tristemente significativo, não consegue apagar o fogo sagrado desse abençoado punhado de visionarios que continua intrepido no exercicio do seu enthusiastico sacerdocio d'arte!

Nas obras que compõem em geral as nossas exposições, tudo, desde os assumptos até ao formato, ás dimensões dos quadros, se resente da exiguidade dos recursos de que dispõe o artista, da mesquinhez do meio em que vive. Predomina a pequena paisagem, avultam os retratos, assignados pelos artistas de mais fama. Apertados pela vida, entregam-se ao professorado, e dão-se por felizes, quando os discipulos affluem aos seus ateliers: só os ricos — *rara avis* — e os mais obscuros e desajudados, é que pódem dedicar-se de alma e coração. Mas as telas, os modelos, as molduras aparatosas, e portanto caras, dêmandam gastos superiores aos meios do commum d'estes pintores, e d'ahi a pobreza forçada das composições, que o artista tenta em vão encobrir. Se muitos dos que ali entram — ricos, despreocupados do fardo da existencia dos que luctam pela realisação de um ideal, que recúa, que foge pertinazmente deante d'elles — soubessem quanta alegria illuminava essas almas, condemnadas, como o fabuloso Sisifo, a rolar o eterno rochedo, e quantas joias surgiriam de entre as mãos desses mineiros do bello, se quizessem repartir com elles do seu oiro!

O nosso mercado é pequeno, e, se cresce, é lentamente; é diminuta a população fluctuante, que tanto avulta nas grandes capitaes estrangeiras, e finlamente, as raras collecções particulares, que alguns amadores têm formado, não lhes sobrevivem, e esses quadros vêm, com a gloriosa patina do tempo e a auctoridade redobrada dos nomes do colleccionador e dos artistas, occupar o logar que podia ser dos novos, dos contemporaneos.

Hoje, que a velha terra portuguêsa parece exausta, ou, pelo menos, se mostra bem cançada, não andará mal avisado quem voltar séria e proficuamente as suas attenções para o terreno intellectual, que tambem é um capital, e que apezar, ou por causa, de tantos e tão complicados regulamentos e reformas, está infelizmente produzindo muito mais joio do que trigo, como uma terra esteril e abandonada. Não basta a existencia das pensões para a formação de artistas, verdadeiramente dignos d'esse nome; é, necessario que a iniciativa dos legisladores e estadistas, que dirigem a educação nacional, não se limite simplesmente a isso, pensando que nada mais lhes incumbe, e que o resto pertence á iniciativa individual. Longe d'isso — o que está feito é apenas o primeiro passo, dado no cumprimento da sua elevada missão. A dura e desgraçada experiencia dos ultimos annos deve ter feito vêr aos que regem os destinos da instrução publica do nosso país, quanto são falazes, e illusorias, as imitações imprudentes e mal pensadas de normas, desastradamente copiadas e importadas de paizes cuja civilisação, isto é, cujas tradições, e cujos costumes, são inteiramente differentes dos nossos.

Quanto vale, por ora, a iniciativa particular na nossa terra, dil-o a triste e miserrima historia da instrução primaria, nos ultimos annos: fome para uns e ignorancia para outros. Como vêem, não é consolador. Regulamentos não faltam, as reformas succedem-se, e umas reformam as outras; mas não se cumprem as ultimas, como não se cumpriram as primeiras.

E' nas escolas, onde se preparam os trabalhadores e edificadores do futuro; é nas fabricas, que nos ajudam a libertar do jugo esterilisador da industria estrangeira; é nas officinas e nos ateliers onde os nossos artistas mostram como pódem rivalisar com os forasteiros em todas as manifestações das bellas-artes.

Dos successivos desmentidos, que Portugal tem dado aos estrangeiros, invejosos e ingratos, e, infelizmente, a muitos maus filhos seus, que têm prégado e prégam a impossibilidade da sua regeneração; das continuas lições que do nosso povo — e quando digo povo refiro-me ao que trabalha e produz, e não ao que só consome e grita — das continuas lições, repito, que d'elle têm recebido os estadistas que o governam, uma das mais eloquentes é, de certo, esta que a Sociedade Nacional de Bellas-Artes acaba de lhes dar, em publico, á luz do sol, para confusão dos calumniadores ignorantes e dos falsos patriotas!

João Prudencio.

2.º Congresso Pedagogico promovido pela Liga Nacional de Instrucção

No cumprimento do vasto e patriotico programma que a Liga Nacional de Instrucção se impoz e que podemos reunir em dois grupos: combater o analphabetismo e promover a transformação radical da escola primaria, acaba esta prestante instituição de effectuar o segundo congresso pedagogico, mostrando d'uma forma bem palpavel e eloquente não só a intelligencia, tenacidade e dedicação de seus fundadores e directores, mas tambem a boa vontade e o enthusiasmo do professorado de todas as categorias, que calorosamente applaudem e incitam o emprehendimento d'esta benemerita Liga, cuja acção se multiplica prodigiosamente de dia para dia, contando se actualmente mais de 40 nucleos espalhados pelo pais, ilhas e até no Brazil.

Quem assistiu ao congresso de abril de 1908 e seguiu de perto a evolução d'esta Liga, previu com certeza um segundo congresso pedagogico mais movimentado que aquelle e em que os problemas a debater deveriam ser em maior numero e de mais elevado alcance para a remodelação do nosso ensino primario, base fundamental da nossa regeneração.

Mas o que sem duvida ninguem suppoz, por mais optimista que fosse, é que nesta segunda jornada, de 13 a 16 do corrente, se reunissem cerca de 2:500 congressistas de toda a parte do paiz, sendo 1:800 das provincias!

Esta affluencia verdadeiramente extraordinaria, evidencia bem claramente uma anciedade crescente que por toda a parte anima e impulsiona a patria portuguêsa, que está acordando d'um profundo abatimento em que tem estado mergulhada, e vae sentindo progressivamente a consciencia de si mesmo e do esforço de que é ainda capaz para entrar no caminho da civilisação moderna.

Uma grande parte dos congressistas haviam no intervallo dos dois congressos estudado os problemas mais urgentes e proficuos que se deviam ventilar naquella magna assembleia; por isso as theses discutidas foram numerosas e revelaram paciente estudo e apaixonada dedicação pela evolução pedagogica.

Essas theses constituiram quatro secções, a saber:

1.ª secção

Lucta contra o analphabetismo

1.ª these — Meios de facilitar o ensino das primeiras letras (ler, escrever e contar).
2.ª these — Acção dos varios typos de escolas moveis no combate contra o analphabetismo.
3.ª these — Situação do professorado primario.

2.ª secção

Educação intellectual e social

1.ª these — O que deve entender-se por ensino primario.
2.ª these — Methodos geraes de ensino.
3.ª these — A educação social na escola primaria.

3.ª secção

Hygiene escolar

1.ª these — Mobilisação escolar.
2.ª these — Attitudes da creança nos exercicios escolares.
3.ª these — Horarios escolares e tempo de ferias.

4.ª secção

Anormaes

1.ª these — Anormaes pedagogicos.
2.ª these — Anormaes pathologicos.
3.ª these — Anormaes physicos

Durante a discussão das theses, em seis sessões, debateram se as mais transcendentes questões sobre methodos de ensino, hygiene escolar, programmas primarios, etc., mostrando todos os relatores profundo conhecimento do assumpto de que trataram, d'onde se pode concluir que o relatorio geral do congresso ha-de constituir um livro preciosissimo para todos aquelles que se dedicam ás interessantes e urgentissimas questões d'ensino.

Entre as theses apresentadas ao congresso é forçoso especialisar as dos srs. Adolpho Lima: — *O que deve entender-se por ensino primario;* Costa e Oliveira: — *Methodos geraes de ensino;* dr. Carneiro de Moura: — *Educação intellectual e social;* J. de Mattos Braamcamp: *Educação dos sentidos, do senso muscular, da attenção e da vontade;* dr. Manuel Laranjeira: — *A Cartilha Maternal e a physiologia;* dr. Ladislau Piçarra: — *O methodo experimental no ensino primario;* D. Maria da Conceição Dias: — *Jogos infantis alemtejanos;* Ernesto Korrodi: — *O ensino profissional em Portugal.*

Muitas outras theses e memorias sobre os assumptos das quatro secções do congresso foram apresentadas e discutidas pelos srs.: Bento Carqueja, Manuel Borges Grainha, dr. João de Barros, Faria Vasconcellos, José de Barros Nobre, João Gonçalves, Branco Rodrigues, Manuel Joaquim da Costa, Alfredo Filippe de Mattos, João Rodrigues Aragão, Raphael dos Santos Guincho, Joaquim Leitão da Silva, João Bernardo Gomes, Manuel Gomes Correia, José da Silva Nogueira, Joaquim Pedro Dias, Manuel José de Gouveia, D. Maria Amelia Pereira Brun, Lourenço Pinto da Rocha, João B. de Lemos, D. Amalia Luazes, A. Estevão Rodrigues da Silva, Antonio da Costa Oliveira, José de Sequeira, Antonio Fernandes Martins, Antonio Rodrigues Direito, Pedro José Teixeira, Alberto Eduardo Baptista, A. Peres, etc.

Presidiram ás sessões do congresso professores dos mais distinctos das nossas escolas superiores, industriaes, occupando tambem esse honroso logar um dos mais dedicados e intelligentes professores primarios, ficando assim estabelecida a agradavel e proficua confraternisação de todo o professorado, com manifesta vantagem para o engrandecimento da familia portuguêsa.

Essas presidencias couberam successivamente aos srs.: Marques Leitão, director da Escola Industrial Marquez de Pombal; F. X. da Silva Telles, lente do Curso Superior de Letras; Ernesto de Vasconcellos, lente da Escola Naval; Antonio Francisco dos Santos, professor primario, fundador da primeira cantina escolar na escola de S. Sebastião da Pedreira, e dr. Miguel Bombarda, lente da Escola Medica.

Ao encerramento do congresso presidiu o sr. ministro do reino, conselheiro Alexandre Cabral, com assistencia do director geral de instrucção primaria, conselheiro Marques Mano. O sr. ministro do reino, cujo afastamento do congresso havia sido acerbamente criticado, quiz assim mostrar que o governo se empenhava em melhorar a situação do professorado primario, ouvindo-lhe as reclamações e procurando collaborar com elle na reforma do ensino.

Não perdeu, pois, o sr. conselheiro Alexandre Cabral o seu precioso tempo, pois que nessa derradeira sessão foram lidos e calorosamente applaudidos por todos os congressistas e pelo publico que enchia a sala Portugal da Sociedade de Geographia os vinte votos do congresso, ou seja a somma dos votos emittidos pelas quatro secções.

1.º Que sejam reorganisados os serviços de instrucção primaria em harmonia com os principios de descentralisação.

2.º Que se reforme o ensino normal, tornando o completo e o mais pratico possivel, creando-se tambem a cadeira de psycho-phisiologia infantil.

3.º Que se desenvolva a assistencia escolar, de modo a tornal a extensiva a todas as localidades, a fim de facilitar a frequencia ás creanças pobres por meio de cantinas escolares, vestuario, livros, etc.

4.º Que se proceda á reforma da orthographia no sentido de uma racional simplificação.

5.º Que nas escolas normaes se estudem os methodos de leitura, a fim de todos os professores ficarem habilitados a escolher livremente o que julgarem melhor.

6.º Que nas escolas, cuja frequencia torne improficuo o ensino d'um só professor, seja augmentado o numero d'estes funccionarios.

7.º Que se torne obrigatorio o ensino primario nos quarteis e a bordo dos navios de guerra, e que se estendam a todas as escolas do paiz os beneficios dos cursos nocturnos.

8.º Que se augmente o ordenado aos professores primarios de fórma a collocal os n'uma situação social desafogada, acabando se com todas as gratificações estabelecidas na lei vigente.

9.º Que seja extincta a classe dos professores ajudantes, e que as promoções de classe no professorado primario se façam sem dispendio para os interessados.

10.º Que a educação primaria se transforme radicalmente, tornando o ensino integral e concreto, subministrando noções de todos os conhecimentos fundamentaes, por que ella tem de servir de preparação para os graus immediatamente superiores do ensino ou de preparação unica para a vida.

11.º Que, consequentemente, a educação deve ser dada em condições simples e integraes adequadas ás disposições physicas, psychicas e sociaes da creança.

12.º Que a educação physica, base da psychica, comprehende a cultura e desenvolvimento dos orgãos e centros sensoriaes por meio de jogos, gymnastica, exercicios e trabalhos manuaes.

13.º Que a educação psychica, estimulando e provocando, por excitações apropriadas ao modo de ser da creança, as suas actividades affectivas, representativas e voluntarias, deve visar á formação do caracter.

14.º Que a educação social, estimulando e provocando as actividades sociaes, por excitações egualmente apropriadas ao modo de ser da creança deve visar á formação de uma individualidade social pelo conhecimento dos seus direitos e deveres.

15.º Que o ensino deve ser integral, intuitivo, concreto, pratico, provocando a reflexão da creança.

16.º Que a escola primaria, para satisfazer o seu fim — o esboço completo do homem, isto é, do profissional, do cidadão e da pessoa — não póde nem deve pronunciar-se sobre questões e theorias dogmaticas, doutrinarias e sectarias.

17.º Que se represente ao parlamento:

a) Para se proceder a um inquerito rigoroso e scientifico ás condições physicas, intellectuaes e moraes do povo portuguez;

b) Para que nos cursos sanitarios se ministre o ensino de hygiene escolar de molde a preparar convenientemente medicos inspectores escolares;

c) Para que, á medida que nos referidos cursos se vá habilitando o respectivo pessoal technico, se crie em todo o paiz o serviço de inspecção medica-escolar.

18.º Que as diversas theses de hygiene escolar sejam discutidas nos futuros congressos pedagogicos.

19.º Que no regimen escolar do ensino primario sejam incluidos os exercicios physicos, os quaes deverão executar-se de preferencia ao ar livre.

20.º Que se fundem escolas especiaes para os anormaes susceptiveis de educação.

N'esta mesma sessão foram proclamados socios benemeritos muitos dos mais valiosos collaboradores e protectores da Liga Nacional de Instrucção, residentes no paiz e no Brazil, incluindo tambem alguns jornaes da capital, taes como *A Lucta, Diario de Noticias, O Seculo* e *O Mundo*, que, com verdadeiro enthusiasmo, teem auxiliado a diffusão do plano traçado pela benemerita Liga.

O sr. Consiglieri Pedroso, esse denodado apostolo da instrucção, alma viril, intelligencia luminosa, acalentada por uma fé inabalavel no rejuvenescimento da patria portugueza, pronunciou o discurso de encerramento, tendo tambem sido elle quem iniciara o congresso, que era obra sua e dos seus incansaveis collaboradores da respectiva commissão organisadora, srs. Borges Grainha, Luiz da Matta, dr. Sebastião da Costa Saccadura, Eduardo Alberto de Lima Basto, secretario geral do congresso.

CONGRESSO PEDAGOGICO — Visita de congressistas ao asilo «Maria Pia»

O sr. Lima Basto, que no congresso de 1908 apresentou uma these verdadeiramente notavel sobre o ensino da agricultura na escola primaria, é um dos mais inteligentes e activos professores do nosso *Instituto de Agronomia e Veterinaria*. E' um dos mais valiosos defensores da obra eminentemente patriotica da Liga, a cujo desenvolvimento tem sacrificado uma boa parte da sua laboriosa actividade.

Pelo presidente foi lido o seguinte telegramma de El Rei D. Manuel:

«Ill.mo e Ex.mo Sr. Consiglieri Pedroso: — Saúdo o congresso pedagogico agora reunido em Lisboa, por cujos trabalhos muito me tenho interessado, e faço votos para que d'este congresso resultem positivas vantagens em favor da instrucção publica, que é um dos mais instantes problemas nacionaes.»

A Camara Municipal de Lisboa, que no dia 13, inicio dos trabalhos do congresso, havia feito uma recepção brilhante aos congressistas, enviou um officio de saudação ao congresso, acompanhado de grande quantidade de flôres para serem distribuidas pelas senhoras congressistas. Foi uma lembrança deveras captivante, que constituiu o fecho d'aquelle importante certamen, d'onde hão de provir duradouros e urgentes beneficios em prol da nossa patria.

Alternadas com as sessões do congresso, de modo a reunir o util ao agradavel e ao mesmo tempo para tornar conhecidas instituições de caridade verdadeiramente modelares pela orientação do seu ensino e pela rasgada generosidade dos seus fundadores e dirigentes, effectuaram se visitas ao Asylo Maria Pia, Escola Industrial Affonso Domingues, Convento da Madre de Deus, Asylo de D. Pedro V no Campo Grande, Asylo Antonio Feliciano de Castilho, Instituto dos Cegos Branco Rodrigues e Escola Officina n.º 1, no Largo da Graça, estabelecimentos verdadeiramente modelares, que deixaram as mais gratas recordações em todos os congressistas.

Macedo de Oliveira

O CONGRESSO MUNICIPALISTA

Realisou-se dos dias 16 a 21 do corrente o Congresso Municipalista, reunido na Camara Municipal de Lisboa, promotora d'este congresso — o primeiro que se reune no país.

O fim deste congresso é o de pugnar pela autonomia municipal, sendo as principaes teses apresentadas á discussão as seguintes:

Autonomia municipal e consequentes descentralisações administrativas. Referendum popular. Relator, dr. José Soares da Cunha e Costa.

Federação dos municipios e estes como federação de paroquias. A patria como sintese de federação nacional. Relator, Agostinho José Fortes.

Municipalisação dos serviços publicos. Relator, José Miranda do Valle.

Necessidade de uma lei de expropriação por utilidade publica, executada pelos municipios. Relator, dr. José Soares da Cunha e Costa.

Aderiram a este congresso 158 camaras, que, na sua maioria, enviaram 236 representantes, além de varias juntas de paroquia, escolas, associações e outras corporações.

Durante os cinco dias que o congresso funcionou, descutiu as teses apresentadas, conforme o programa, sendo a ultima sessão a do encerramento e a seguir o banquete aos congresistas no teatro do Principe Real.

As sessões reuniram á noite, sendo os dias destinados a passeios na cidade e no Tejo, visita ao Matadouro, aos reservatorios da Companhia das Aguas e antigo Aqueduto das Aguas Livres, jardins publicos, etc.

O ultimo dia do congresso foi destinado á recepção de varias colectividades de Lisboa, principiando pelas escolas primarias as quaes apresentaram 5:000 creanças, que só ellas bastavam para fazer a festa com a alegria dos seus rostos infantis, risonhos, côr das rosas, que ora desabrocham nos canteiros floridos. A recepção dos colegios durou hora e meia passando em frente da presidencia. O sr. dr. Bernardino Machado apareceu no meio deste cortejo e foi saudado por toda a assistencia. Seguiram-se outras corporações em que avultou o comercio, de que muitos estabelecimentos fecharam as portas por algumas horas para os empregados irem a esta recepção.

O presidente sr. Anselmo Braamcamp Freire, na sessão de encerramento que se seguiu, fez um discurso apropriado ao acto, terminando por propor a seguinte moção:

«O congresso municipalista, inspirando-se num alto sentimento de solidariedade social e patriotica, alheio a qualquer orientação politica partidaria, saúda o chefe do Estado e as côrtes geraes representantes da nação portuguêsa.»

CONGRESSO MUNICIPALISTA

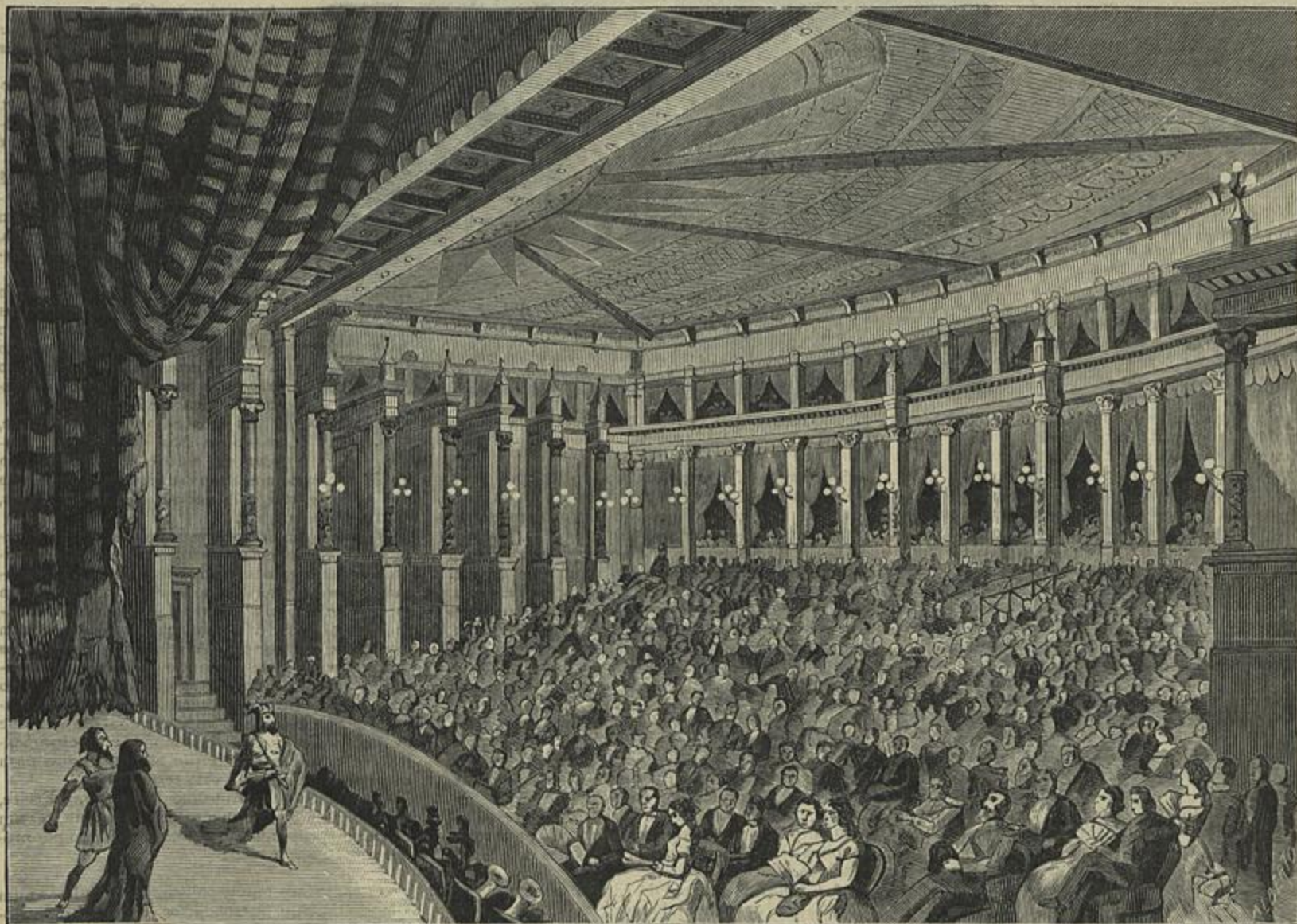
Uma sessão do congresso nas salas dos Paços do Concelho de Lisboa

(Cliché Benoliel)

Aprovada por aclamação e com entusiasmo por muitos congressistas, passou o sr. dr. Cunha e Costa á leitura da representação a dirigir ao parlamento, que é como segue:

«Dignos pares do reino e senhores deputados da nação portuguêsa — O congresso municipalista promovido por uma commissão eleita pela camara municipal de Lisboa e ao qual aderiram 158 municipios do país, representando todas as opiniões politicas, celebrou nesta capital quatro sessões publicas que ficarão na historia do municipalismo português como outros tantos documentos de alto e esclarecido civismo.

Dois eram os propositos dos iniciadores do congresso: em primeiro logar revindicar para os municipios do país as liberdades e franquias de que sucessivamente foram sendo desapossados por uma repressão centralisadora, que a lição dos factos definitivamente condemna; em segundo logar, crear entre todos os municipios do país um laço de solidariedade, uma consciencia colectiva, uma obra commum que, longe de enfraquecer, pelo contrario fortalecesse o principio de unidade nacional, dando á obra, muitas vezes artificial da lei, a sanção insofismavel da vontade popular.

O congresso municipalista julga ter cumprido, integralmente a missão que se propusera. Se a lei é a expressão da vontade dos povos, não é licito duvidar que, dentro em pouco, o principio da autonomia municipal, votado por aclamação, faça parte do nosso direito constituido. Quanto ao alto e nobre principio da unidade nacional que o povo

Sala de espectaculos do Teatro de Bayreuth, expressamente construido para as operas de Wagner

Opera lirica no Coliseu dos Recreios

O tenor Mulleras no papel de Mario Cavaradossi da «Tosca»

Enriqueta Areña

Baixo Gasparini

português tem sabido manter entre grilhões, labaredas e prantos que tornariam salobras as aguas dos nossos rios, elle sae certamente fortalecido do convivio de 200 homens que hontem se olhavam desconfiados e quasi hostilmente e hoje se abraçam como irmãos.

O congresso municipalista, entregando-vos as suas conclusões e os seus votos e de vós reclamando a respetiva sanção constitucional e legal, aproveita a oportunidade para saudar no parlamento português a soberania intangivel da nação, que só a vontade coletiva livremente expressa pelo sufragio póde salvar, sejam quaes forem os defeitos, aliás inherentes a todas as instituições humanas que ao mecanismos das instituições parlamentares possam ser apontados.»

Encerrada que foi a sessão, dirigiram-se os congressistas com o presidente sr. Braancamp Freire, ao parlamento para entregar a representação com as conclusões das teses que enumeramos, sendo recebidos pelo presidente da camara dos deputados sr. Mendes Leal, que declarou concordar com as justas revindicações dos municipios expressas na representação que seria apresentada á camara e publicada no diario.

Assim terminaram os trabalhos do primeiro congresso municipalista, assentando-se em que o segundo reunirá na cidade do Porto, em abril de 1910.

Banquete em honra da empreza de S. Carlos

Correu na maior animação o banquete realisado no Hotel central, em honra dos srs. Anahory e Freitas Brito, e offerecido por alguns criticos musicaes e amigos.

Foi presidido pelo sr. Antonio Arroyo, que tinha a seu lado Freitas Brito e Mimon Anahory.

Fizeram-se varios brindes, e foi deliberado enviar um telegramma á viuva do grande compositor Ricardo Wagner.

A imprensa estava assim representada: Agostinho Franco *(Seculo e Correio da Noite)*, Stuart Torrie *(Epoca)*, Ferreira Mendes *(Popular)*, dr. Augusto de Vasconcellos *(Lucta)*, Malheiro Dias *(Illustração Portugueza)*, Merêa *(Dia)*, Mello Barreto *(Novidades)*, Padre Borba *(Jornal do Commercio)*, Alfredo Pinto (Sacavem) *(Nação e Occidente)*.

Meso soprano Margarita Julia

NOITES D'OPERA

Colyseu dos Recreios

Aida — Boheme — Hernani — Rigoletto — Lucia — Trovador — Barbeiro — Tosca — Somnambula

Quando se aproxima a *Semana Santa*, já todos pensam com que companhia se inaugura a época de verão no Colyseu. *Será opera? Será lucta? Será zarzuella?* Emfim, é o pensamento constante de toda Lisboa! Mas quando apparecem os vistosos cartazes annunciando opera lyrica, ha um riso em todas as caras, uma profunda alegria! *Opera barata*, é o ideal do lisboeta, fallam da *Aida*, do *Trovador*, da *Tosca* com profunda sabedoria.

Mas vamos ao que importa, isto é dizer duas palavras da companhia.

As operas succedem-se com rapidez, d'esta forma o desempenho não póde ser completo; ainda assim, temos ouvido alguns artistas que nos têm agradado. Assim, a sr.ª Marga-

rida Julia, na *Amneris* da *Aida* e no *Trovador*, revelou ser uma artista bastante correcta e de voz educada.

A sr.ª Isabel Tafé, ainda nova, apezar de necessitar estudo, na forma de emitir as notas agudas, só tem qualidades apreciaveis, como nos mostrou principalmente na *Tosca*, que cantou muito bem, sem favor.

Mercedes Ranz, é uma cantora que agrada, como mostrou no *Hernani* e *Trovador*.

Wermez, tão nossa conhecida, e que já cantou no *Scala* de Milão, deu-nos uma *Gilda*, no *Rigoletto*, bastante apreciavel.

As recitas de Maria Galvany com a *Lucia*, *Barbeiro* e *Somnambula*, têm sido noites de enthusiasmo. Galvany, ainda possue aquella voz bonita, cujo canto tem a attração do rouxinol.

Isto é, das mulheres; emquanto aos homens, destacaremos o barytono Giovacchini, que é sempre artista intelligente como provou no *Rigoletto* e *Tosca*.

Os restantes artistas, fazem o que podem, e como estão cheios de boa vontade, para quê dizer mal d'elles?

Ia-me esquecendo fallar da cantora Areña, que é uma artista correcta e de bonita voz.

A orchestra algo fraca, na corda, e os córos pouco seguros e deminutos.

O maestro Mazzi, discreto.

A. P. S.

THEATRO DE S. CARLOS

A Tetralogia de Ricardo Wagner

Crepusculo dos Deuses

Finalmente chegamos á ultima parte da *Tetralogia*, essa monumental partitura do *Crepusculo dos Deuses*, que vem servir de cupula a esse grande edificio de sons — o *Annel de Nibelungen*.

Desde os primeiros acordes do preludio do *Ouro do Rheno*, até á ultima nota do *Crepusculo*, a rede dos *Leit-motivos* vae-se complicando de forma tal, que ao chegarmos a esta ultima parte, é necessario uma concentração de espirito verdadeiramente profunda, para podermos abraçar, por assim dizer, toda a idéa musical e poetica que nasce d'aquella pintura de sons, tão rica de collorido, tão cheia de frescura na forma e no rythmo!

Mas se por um lado a musica nos falla d'esta forma, a forma de *toda* a *Tetralogia* tem um não sei quê de profunda philosophia, que o nosso espirito vae-se sentindo pouco a pouco subjugado, até que no final, quando contemplamos o *Walhall* envolto n'aquelle mar de chammas, do nosso coração sahe uma phrase sincera e bradamos: «*isto é genial é grande!!!*»

Lechtenberger, no seu grandioso livro sobre Wagner, escreveu uma pagina em que synthetisa as diversas formas como poderemos encarar o poema. E o auctor do livro, analisando as diversas scenas, encontra theorias philosophicas para todos os paladares. Assim poderemos encontrar a apologia da união livre, a emancipação da mulher, a glorificação da revolução, tendencias pagans, christans, optimistas, pessimistas, etc.; por isto se poderá avaliar, quanto a *Tetralogia* possue de profundo e de immensamente grande!

N'esta parte, assistimos ao fim do heroe *Siegfried*, e ao amor transformado em odio de *Brunhilde*, que entrega ás nymphas do Rheno novamente o *annel*.

Toda a musica, ainda que muito mais pesada que a *Walkiria* e parte de *Siegfried*, contém paginas sublimes, e elevadamente philosophicas.

Bastará apontar o duetto tragico entre *Brunhilde* e uma das *walkirias*, o trecho das *nymphas* no ultimo acto e a *grande marcha funebre*, para que nos sintamos deveras empolgados perante tanta grandeza d'Arte!

O desempenho d'esta vez é que foi bastante discreto até por parte da orchestra. Mas temos que pensar que em Paris, quando esta opera foi alli cantada, tiveram tres mezes de ensaios, ao passo que os nossos artistas tiveram *uma semana!!!*

Mais uma vez apontarei aos srs. Anahory e Freitas Brito como verdadeiros benemeritos, porque se não fossem elles, quando ouviriamos a *Tetralogia?* Talvez nunca.

O theatro de S. Carlos, vae passar por uma phase nova, isto é, vae se cultivar a Arte com criterio, o que já ha annos não havia.

E' esta a verdade, por isse deve ser dita bem alta.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

Jornadas no Minho

POR

D. João de Castro

Tão grande procura teve este primoroso livro de D. João de Castro, que a Livraria Ferreira teve agora de fazer segunda edição. E' tão pouco vulgar no nosso pequeno mundo litterario um successo d'este jaez que é com o maximo prazer que o registemos, tanto mais que o seu insigne auctor é um dos mais brilhantes buriladores da lingua portugueza e que bem merece d'estes triumphos.

As suas obras poeticas — *Alvoradas d'Abril*, *Livro Branco*, *Alma posthuma*, *Jesus*, *Via-Dolorosa* e *Morgadinho*, — e as de prosa — *Os malditos*, *Morte de Homem* e *Redempção* — marcam-lhe um logar de destaque entre os primaciaes escriptores portuguezes.

Esta sua ultima producção — *Jornadas no Minho* — que o eminente prosador sob-intitulou de *Impressões, aventuras e travessuras de dois excursionistas meridionaes* — póde collocar-se a par dos livros que n'esse genero publicaram Almeida Garrett e D. Antonio da Costa — *Viagens na minha terra* e *No Minho* — e mesmo, pela fórma simples e attrahente, a par das ingenuas e puras obras de Julio Diniz.

D. JOÃO DE CASTRO

Em prosa castiça e rendilhada, nos descreve D. João de Castro esse encantador trecho que vae da Povoa a Caminha, tão cantado pelos poetas e tão elogiado por todos aquelles que visitaram essa bella e risonha região minhota.

Os individuos menos atreitos a leitura pesada acompanharão todo este soberbo trabalho, como se seguissem a par do enredo sensacional de um romance, visto como as *Jornadas no Minho* são escriptas com deleitosas conversas, com anecdotas, incidentes e commentarios falados n'uma excellente disposição de espirito.

O entrecho do romance, o descriptivo do monumental e historico é feito, pela dextreza do distincto prosador, em scenario agradavel, em que a intriga quasi novellesca de D. João de Castro move os episodios de curiosidade immediata. A descripção dos locaes, porém não perde, por essa circumstancia, a minima perfeição; o papel secundario, que só apparentemente se lhe attribue, é um meio habil de D. João de Castro para tirar ao seu trabalho o aspecto macisso e pesado d'um guia para viajantes. Porque, na realidade, tudo o que de notavel ha como belleza campestre e como curiosidade de monumentos ou de lembrança do passado no sitio visitado, se mostra em relevo n'essas tresentas e tantas paginas em que se encerram em dez capitulos que, embora lidos com prestreza ficam, no entanto, memorados por longo tempo.

As *Jornadas no Minho* — que são dedicadas ao illustre poeta portuense Julio Brandão — lêem-se com tanto prazer, como se bebe n'um copo de crystal muito puro, a agua leve e fresca de Cintra.

A essas galantes *Jornadas no Minho* auguramos — com os nossos cordeaes agradecimentos pela gentileza que teve para comnosco D. João de Castro na offerta do seu primoroso livro — o exito que merecem as obras de tão subido valor, pedindo nós desculpa de sermos tão pallidos nas nossas palavras de sinceridade com que formulamos modesta opinião ácerca de tão primorosa obra de D. João de Castro, de quem, gostosamente, inserimos o retrato.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

A casa submarina

POR

Max Pemberton

(*Continuado do n.º 1091*)

III

Em que Jasper Begg decide o que tem a fazer

Miss Ruth estava no jardim, sentada á sombra d'uma especie de caramanchão, feito de troncos e coberto de folhas sêccas, tendo junto de si a sua velha parenta, a quem chamavamos a tia Rachel.

Nenhuma d'ellas deu pela minha presença quando entrei, mas um criado china que saudou o meu companheiro amarello, fel-as voltar a cabeça. Então miss Ruth (não posso conformar-me a chamar-lhe madame Czerny) levantou-se d'um salto, e fazendo-se vermelha como uma papoula, ficou estatica sem encontrar uma palavra que pudesse pronunciar.

Parece-me comtudo que eu não estava menos succumbido, e que apezar de ter feito uma viagem de dôze mil milhas, com o proposito de a vêr, tambem não encontrava uma unica saudação, tendo a espionar-me, aquella cara de girasol.

— Miss Ruth, — disse por fim rompendo o silencio — aqui estou ás suas ordens, bem como um navio que ali tenho na costa, esperando a sua visita.

Quiz-me parecer que me ouvia como uma pessoa desmemoriada, que não acerta com o sentido do que lhe estão dizendo. Vi-a levar a mão á garganta como se alguma coisa a soffocasse, e a velha Rachel, começou muito aflicta a exclamar:

— Meu Deus! meu Deus!

Depois, o homem amarello, avançou dois passos e foi collocar-se ao lado de miss Ruth, começando a falar-lhe como em segredo, mas de maneira tal, que julgo ter-se ouvido em toda a ilha.

— Quereis ir hoje a bordo, senhora? E que dirá meu amo ao voltar do estrangeiro, se não vos encontra na praia para o receberdes? Não tinheis dito nada a respeito d'esse barco que ahi está, pelo menos que eu me lembre, e em elle sabendo o que se passa, vai ficar fulo. Diga a este nosso amigo, que o melhor que tem a fazer, é voltar immediatamente para bordo. Não lhe parece rasoavel?

Tudo isto tinha sido dito, como já expliquei, como se o estivesse communicando por um porta-voz, de um barco para outro.

Não sei porquê, metteu-se-me na cabeça, desde aquelle momento, que minha ama tinha medo, e um medo de morte, como poucas vezes se sente. Não que falasse d'elle ou o demonstrasse com qualquer grito extranho, mas tinha um olhar e uma expressão tão fóra do natural, que não me enganou. «Juro por Deus, — disse eu para mim — hei de saber a verdade hoje mesmo, ainda que hajam aqui, não um, mas cem d'estes amarellos». Comtudo fiquei calado como homem prudente, e dirigindo-me para elle, disse-lhe:

— Tens a voz mais suave que a d'um rouxinol, e farias uma fortuna se te alugasses como buzina em tempo de nevoeiro!... Está tão surda a senhora, que seja necessario gritar-lhe aos ouvidos como se fosse a um capitão do porto? Mais suavidade, amigo, mais suavidade, que assim affectas a garganta!

O homem amarello voltou-se para mim com

aspecto furibundo, mas miss Ruth, que até ali permanecera quieta e muda como uma estatua, estendeu-me então ambas as mãos, e pela primeira vez exclamou:

— Capitão Begg, capitão Begg! sois vós, emfim! Não o posso crêr! Palavra que me custa a acreditar!

— Pois sou eu mesmo, senhora, e aqui estou, como disse, ás vossas ordens. Vou com rumo a S. Francisco, mas quiz tocar n'este porto em cumprimento de uma promessa. O meu barco está ali, miss Ruth, e a bordo ha quem vos conheça, e bem: Peter Bligh e Mr. Jacob; este que aqui está, é Dolly Venn; é rapaz ainda, mas tenho a certeza que se ha de fazer homem.

E dizendo estas palavras puchei o meu companheiro para deante, que estonteado e ruborizando-se como todos os marinheiros, quando vêem uma mulher bonita e de classe superior, lhe tomou a mão e a apertou, sacudindo-a de tal maneira, que parecia estar a bordo dando á picota da bomba.

No emtanto a tia Rachel começou a falar sobre differentes coisas sem importancia, e durante um ou dois minutos, formámos um grupo, como de amigos intimos, que se tivessem encontrado n'aquelle sitio.

— Sinto bastante prazer em o vêr, capitão Begg, — disse a velha.

— E eu tambem em a vêr, senhora, porque me parece não se dar mal com a insalubridade d'esta ilha, — respondi.

— Sim, sim, a ilha agrada-me, — tornou ella com um certo ar solemne e terno. — Meu sobrinho é um tanto excentrico... mas, temos que tomar as coisas conforme as encontrámos n'esta terra, Mr. Begg, e não temos remedio senão render graças a Deus por isso mesmo. A pobre Ruth é que está um pouco triste e desassocegada... apezar de eu lhe ter dito que tudo acabará em bem. Com um pouco de paciencia e resignação, tudo caminhará ás mil maravilhas. E depois, aqui não lhe falta nada, tem todas as commodidades e confórtos. Se o marido lhe deu esta casa para sua habitação usual, lá tem suas razões, que diabo!... O dever da mulher é obedecer ao marido!

Miss Ruth chegou-se a mim e disse-me:

— Almoça comigo hoje, sim capitão? Não quero que se vá embora pensando que somos más hospitaleiras. Mr. Denton, faça favor de dizer ao criado, que o capitão Begg almoça hoje aqui.

Estas palavras foram dirigidas ao homem amarello, e no olhar que ella lhe dirigiu, parecia haver uma supplica, como se dissesse «permitti isto!» e o d'elle respondia: «tu o pagarás!» Mas Denton dirigiu-se para o interior da habitação e deu as suas ordens ao cosinheiro.

Aproveitei a occasião para dizer em voz baixa a Ruth:

— Senhora; o barco está ali. Ficamos ou retiramo-nos?

Parece-me que até ao dia da minha morte, jámais poderei esquecer a sua resposta:

— Vão-se!... disse em voz tão sumida que mais parecia um suspiro, — mas por Deus, Jasper Begg, volte depressa outra vez.

Inclinei a cabeça e mudei de conversa, porque Denton estava já a meu lado, e quasi ouvira as ultimas palavras que madame Czerny soltára.

Dolly Venn não podia desfitar Ruth, e eu por mais esforços que fizesse, tambem não desviava os olhos d'aquella direcção.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.

Conto do Natal e outros. — *Conto do Natal — Arminho — Um drama na aldeia.* — Candido de Figueiredo — 1908 — Guimarães & C.ª, editores — Lisboa — Um volume de 126 paginas, illustrado e nitidamente impresso.

São tres contos que este volume contem, que são como tres joias, sabendo-se que seu autor é Candido de Figueiredo, o primoroso poeta e prosador, sabedor da lingua, em que é mestre, produzindo sempre com infatigavel dedicação literaria, aumentando dia a dia seu peculio de livros qual mais interessante, como este publicado pelo Natal.

E' um livrinho de boas festas, cuja leitura delicia, de bom sabor portuguès, e que se veio a publico pelo Natal é por ser o tempo de dar brindes e este é dos mais preciosos para os amadores de boas leituras.

Almanach do Diario Illustrado para 1909. — Coordenado por Luiz Trigueiros — Editor, Santos e Silva — Um volume de 330 paginas além das de annuncios e indice, profusamente ilustradas de gravuras, de retratos e outras, todas relativas a acontecimentos do anno que passou, sendo, portanto, um annuario, bellamente coordenado por seu autor, sr. dr. Luiz Trigueiros, distinto escritor e jornalista. Este almanach destaca-se do geral das publicações congeneres, pois é elle um registo dos acontecimentos, como ficou dito, sendo assim um livro que se conservará com cuidado, para consulta sobre uma época tão accidentada da historia patria.

E' mais um bello livro o que o sr. dr. Luiz Trigueiros deu agora á estampa.

NECROLOGIA

Mario Santa Rita

O OCCIDENTE deve esta sentida homenagem ao seu joven colaborador, cuja vida foi um sopro de infortunio, que o fez sofrer tanto como se elle vivera longos annos.

MARIO SANTA RITA

Mario Santa Rita, filho de Guilherme Santa Rita, que deixou na literatura portuguêsa trabalhos de merecimento, morre aos vinte annos, sem que nelle desabrochasse a primavera florida e alegre propria da sua idade, porque foi um triste, peior do que isso, um pessimista, como se não é, acaso, aos cincoenta annos, quando se tem perdido as illusões da vida, que fazem viver, como todas as manhans o sol nasce e anima a terra, na sombra da qual todos os dias se abisma para voltar num continuo fado que não esmorece.

Mario Santa Rita foi, por isso, dos que não teve mocidade, não viveu porque não teve as ilusões da esperança, como nem na sua curta edade a esperiencia lhe podia dar razão ao pessimismo de seu pensar.

Foi enfermidade que nasceu com elle e que envolveu a sua alma de poeta em negruras de fumo dum fogo lento que o ia consumindo tanto como a tuberculose organica que lhe minou o cerebro.

Pobre rapaz, para quem a morte assim em tão verdes annos foi, talvez, a maior consolação que teve no desespero do seu viver. Pobre rapaz!

Mario Santa Rita estava fazendo um poema que intitulava *Os Monstros.*

João Dantas

Quando ha trinta e dois annos fundámos o OCCIDENTE, João Dantas foi convidado para collaborador artistico desta revista, como amador com fóros de artista, que se distinguia por seus trabalhos de desenho e de pintura, especialmente de marinhas, mais de sua paixão. Neste genero e em arquitetura, que desenhava com extrema precisão, muitos desenhos se encontram no OCCIDENTE, devidos a seu lapis, e ainda, não ha muitos annos, publicámos um suplemento representando a esquadra portuguêsa, em que agrupou setenta e tantos navios, desenhados com rara fidelidade, constituindo verdadeiros retratos.

JOÃO DANTAS

Nos ultimos tempos, a tisica de laringe que o vinha minando, mal deixava, entretanto, prever tão breve desenlace, que o teve no dia 25 de março, cobrindo de luto sua extremosa esposa, a sr.ª D. Maria Augusta Fragoso Dantas, e enchendo de magua seus amigos, que eram quantos o conheciam e bem se manifestou na dôr com que o acompanharam á sepultura em numeroso cortejo de dó.

João Dantas nascera em Lisboa a 15 de setembro de 1840, filho de José Apolinario Dantas e de D. Henriqueta de Carvalho Brandy e Dantas, familia de boa estirpe. Era irmão do conselheiro Antonio Eleuterio Dantas, prestante oficial superior da armada e que foi governador geral da provincia de Angola.

Quando conhecemos João Dantas era elle empregado na Companhia das Lezirias — agora era tesoureiro da Companhia de Moçambique —, mas com a inclinação que tinha para a arte, esta lhe absorvia suas horas de ocio, cursando como alumno amador a Academia das Belas Artes, e entregando-se aos seus estudos de pintura de marinhas. Neste genero alguns quadros produziu, mas os que mais se distinguem pelo valor artistico e historico são os das batalhas navaes de Ormuz, Matapan e Rumes, ultimo quadro que pintou.

O seu quadro da batalha de Matapan mereceu ser premiado na Exposição de Belas Artes de 1893, sendo depois adquirido por El-Rei D. Carlos. Delle se ocupou o OCCIDENTE por essa epoca, Agora reproduz o da batalha dos Rumes, como o ultimo trabalho do seu antigo e saudoso colaborador, que tantas vezes honrou estas paginas.

João Dantas era lido na historia patria, e não pouco se entusiasmava com os feitos maritimos, crescendo nelle o desejo de os comemorar na téla como quadros das nossas glorias passadas. Nenhum outro pintor portuguès se aventurou a tal empresa, e se elle a não conseguiu realisar com o talento e prestigio de um mestre, fel-o com bastante estudo e consciencia historica documental para apreciar e ser estimado.

A batalha dos Rumes é tão assombrosa como o supremo esforço de um pae para vingar a morte de seu filho.

Lourenço de Almeida havia morrido na batalha contra os Rumes, e desde então seu pae, o vice-rei da India D. Francisco de Almeida, pensara em lhe vingar a morte. Poucas eram as forças de que o grande capitão podia dispôr, mas maior era seu genio. Com dezenove navios e mil e tresentos combatentes, não hesitou em dar batalha aos Rumes aguerridos, ante os quaes tremia a Europa, bem armados de artilharia egual á portuguêsa.

A batalha naval dos Rumes — Ultimo quadro de João Dantas

A batalha travou se medonha. D. Francisco de Almeida previra a manobra dos Rumes, e, fazendo os vitimas do laço que armavam ás naus portuguêsas, quando julgavam salvar-se para terra, protegidos pelo fogo das suas baterias, viram-se obrigados a deitar a nado sob o fogo da artilharia portuguêsa que os barria sem piedade.

Saciou D. Francisco de Almeida a sêde de vingança que o devorava, e só depois lhe desfaleceu o animo.

Gaspar Corrêa nos diz em sua singela prosa:

«Chegados os capitães á nau do vice-rei, lhe tangeram as trombetas e os atabales, e o vice-rei com os capitães, os veiu receber a bordo da nau, e os abraçou a todos com muitas lagrimas, que então o vice-rei não poude suster, porque todos choravam dizendo:

«Senhor, nós somos desaventurados que ficámos vivos, não morrendo com o vosso bom filho, que está em gloria.» O vice-rei, com as lagrimas que lhe corriam pelas barbas compridas, encobrindo sua grande dôr com o rosto e palavra alegre, lhes respondeu: «Meus filhos, isso já passou e traspassou minha alma; agora nos alegremos com esta boa vingança que Nosso Senhor por sua misericordia nos deu.»

E' desta batalha que João Dantas deixa memoria no seu ultimo quadro, que bem devia ser adquirido para o Museu Nacional de Belas Artes, onde lhe compete logar a par dos quadros historicos, de que este é um dos de maior gloria.

C. A.